

EXPERIÊNCIAS LÉSBICAS NA EDUCAÇÃO

Jaqueline Monteiro de Santana (Pós Crítica/ UNEB)²³

Resumo: Neste trabalho apresento reflexões sobre o objeto de pesquisa que desenvolvo no Programa de Mestrado em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia que tem como título provisório experiências lésbicas na educação e versa sobre identidade sexual das lésbicas-professoras e sua prática docente. As identidades sexuais são tratadas como espelho que me permitirão visualizar como as professoras lidam com suas sexualidades, como se veem lésbicas e profissionais da educação que se relacionam com outras identidades em sala de aula. O objetivo deste estudo é interpretar a repercussão dessa identidade sexual na sua trajetória profissional. A metodologia é de base qualitativa, trabalharei com a história de vida das interlocutoras. Como fontes iniciais, tenho dialogado com obras de autores e autoras como: Judith Butler, Audre Lorde, Luiz Paulo da Moita Lopes, Guacira Louro Lopes, bell hooks, Stuart Hall e Giorgio Agamben. Nesse sentido, espera-se que o presente trabalho colabore com a visibilidade lésbica, o enfrentamento a lesbofobia e, sobretudo com educação mais crítica fundamentada na equidade onde os sujeitos envolvidos possam existir e ser respeitado com todas as suas identidades.

Palavras-chave: Lésbicas. Identidades. Docência.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento reflexões sobre a pesquisa que desenvolvo no Programa de Mestrado em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia. Em fase inicial, sua concepção se deu a partir das minhas inquietações referentes à identidade sexual de professoras e como esse tema permeia sua prática docente, surge então este projeto de pesquisa com o título provisório Experiências Lésbicas na Educação.

Ser lésbica é problematizado a partir de uma abordagem interseccional de dimensões identitárias como gênero, raça, geração, que justificam o plural atribuído ao termo identidades sexuais lésbicas. De início é importante sinalizar que essa pesquisa surge a partir da minha trajetória de vida enquanto lésbica-professora que está comprometida em refletir, compreender e dialogar sobre questões referentes a temática lésbica no meu espaço de atuação profissional e político.

UM ENCONTRO COM ELAS

A ideia de trabalhar com lésbicas-professoras¹ me motiva por entender que numa escola minada por preconceitos nas mais diferentes esferas, as professoras serão responsáveis por mediar tais temas em sala de aula. Dessa maneira, estas são influentes na (des) construção dos preconceitos no contexto de escolarização dos sujeitos, não se trata de responsabilizá-las, mas supor que sua formação social, política e cultural tenha desdobramentos em seu espaço de atuação.

É visto como desafio a existência e construção das identidades lésbicas positivas em uma sociedade que, historicamente, ensina as lésbicas a negar-se para que sejam aceitas socialmente.

²³ Jaqueline Monteiro de Santana, pedagoga, mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores/as. Orientadora: Jailma Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: jack7montenegro@gmail.com.

Desse modo, toma corpo a questão que norteia o trabalho: como a identidade sexual repercute na prática pedagógica de lésbicas-professoras? Compreendo essa repercussão da identidade sexual como uma marca na subjetividade das pessoas LGBTQI+, essa marca fragiliza, estigmatiza, traz consigo dores e invisibiliza. Da mesma forma que, resiste, potencializa e impulsiona em direção ao rompimento de barreiras em determinados contextos sexuais, educacionais, sociais, culturais, políticos e econômicos.

O objetivo da pesquisa é interpretar a repercussão da identidade sexual na prática pedagógica das lésbicas-professoras. As discussões em torno dessas temáticas devem ser entendidas como indispensável para as práticas educacionais efetivamente inclusivas por aprofundar a reflexão sobre conteúdos, geralmente ausentes nos currículos marcados por valores heteronormativos.

Só a partir das últimas décadas iniciaram-se os estudos sobre lesbianidades de modo que, cientificamente, se produziu pouco sobre lésbicas e suas vivências sociais; esse desconhecimento, sobretudo científico acerca da temática, sua diversidade, especificidades, generaliza representações errôneas em relação às identidades.

Nesta perspectiva busco investigar as lésbicas-professoras sob a ótica da pesquisa qualitativa. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa tem como objetivo proporcionar uma aproximação com o problema investigado, e se constrói de modo a privilegiar as informações das entrevistas com os participantes e suas experiências práticas com o tema.

A pesquisa qualitativa permite uma abordagem interpretativa para diferentes assuntos, possibilita estudar o fenômeno no contexto em que ocorre a partir das experiências de quem vive, e do olhar que tem sobre si, neste caso, buscar compreender a repercussão da identidade sexual na prática pedagógica das lésbicas-professoras, propondo uma análise através do método “história de vida”, que leva em consideração as subjetividades destas, no caso lésbicas-professoras das redes de educação de Salvador.

O método história de vida localiza as sujeitas nas suas vivências individuais e coletivas dentro de um contexto sócio-histórico. De acordo com Becker (1999), o método história de vida descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência.

A escolha das colaboradoras será feita a partir da identificação das professoras que atuam na educação básica e no ensino superior; a ideia é conhecer as experiências em três níveis de educação com seus respectivos públicos com idades diferentes, ensino fundamental-crianças, ensino médio-jovens, ensino superior-adultos; outro marcador importante é a inserção destas nos movimentos sociais, esse importante espaço de construção de identidades e políticas. Os critérios de escolha

adotados aqui são: a auto identificação da orientação sexual; está atuando em sala de aula; diferentes gerações; participação em alguma entidade do movimento social ou tenha trabalhado com a temática.

A fim de mediar o trabalho teórico e prático acerca do projeto de pesquisa fiz a inserção no laboratório de audiovisual, inicialmente com a intenção de conhecer fontes (autores, textos, filmes, documentários) sobre meu tema de trabalho e a partir daí poder colaborar com os debates e produção de mostras relacionadas a sexualidade, gênero e lésbicas. Outra ideia é que os resultados da pesquisa encontrem outras formas de disseminação, tipo um roteiro de documentário que conte a vida dessas lésbicas, e também possa ser utilizado como material de apoio pedagógico.

Na condição de crítica cultural em formação proponho romper com esse modo de pesquisar que apresenta discursos de lésbicas-professoras em um contexto de análises educacionais que ainda sustentam mulher como modo de ser universal na docência. As disciplinas estudadas no primeiro semestre me fizeram ampliar a capacidade de interpretação do contexto político, econômico, cultural e social, a partir do desmonte de conceitos uniforme, hegemônico, colonial que impõe um modelo de ciência dominante.

Não há como falar de gênero sem recorrer ao movimento feminista, este que politizou estudos de gênero e demarcou sua importância analítica para elucidar a construção social e histórica das diferenças entre homens e mulheres. Na concepção de Scott (1995), o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Guacira Louro (2000) aponta o potencial de insubmissão dos discursos feministas sobre gênero em relação às normativas que regulam as relações sociais. Para ela, o feminismo ao pautar a inserção política da categoria gênero colabora para uma mudança epistêmica, na medida em que:

[...] o que acontece não se trata, no entanto, de apenas mais um “acréscimo”, seja das mulheres, seja de temas e áreas. A subversão que essas incorporações e, principalmente, que os questionamentos feministas vão trazer para o pensamento terá como resultado uma transformação epistemológica, uma transformação no modo de construção, na agência e nos domínios do conhecimento [...]. Na verdade, isso ocorre fundamentalmente porque ele redefine o político, sugerindo mudanças na sua natureza. Se “o pessoal é político”, como expressa um dos mais importantes *insights* do pensamento feminista, então se compreenderá de um modo novo as relações entre a subjetividade e a sociedade, entre os sujeitos e as instituições sociais (LOURO, 2003, p. 148).

Nesta perspectiva Joan Scott (1995) salienta que ao introduzir a concepção de desconstrução proposta pelo pós-estruturalismo, os estudos de gênero rejeitam o caráter fixo e imutável das oposições binárias, considerando o contexto em que foram elaboradas, a forma como essa oposição opera, desmantelando e dando mobilidade à construção hierárquica, nega, enfim, a naturalização das coisas.

Neste contexto de conflitos e contradições, Hall (2005), afirma que o movimento feminista é um dos grandes responsáveis pela fragmentação da identidade do sujeito moderno, tanto como uma nova forma de crítica teórica, quanto como movimento social. Defende que o feminismo teve grande peso no descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico, a partir da politização da subjetividade, da identidade e do processo de identificação.

Assim como os estudos de gênero, as concepções de sexualidade sofreram alterações significativas. Foucault (1997), ao propor uma arqueologia do discurso sobre a sexualidade expôs as formas e as instâncias que a disciplinam, abrindo espaço para o questionamento de uma gama de certezas inerentes a este domínio. O exclusivismo biológico ocidental, marcadamente tangível a esta concepção foi posto em evidência. A sexualidade passou a ser entendida como um constructo cultural ligado a uma multiplicidade de fatores e a complexos códigos culturais plurais, e não como uma exclusividade anatômica.

Segundo Louro (2000) a sexualidade é uma invenção social constituída historicamente pautada numa diversidade de discursos sobre o sexo, que disciplinam, instauram saberes, produzem “verdades”, uma entre as múltiplas identidades que compõem o sujeito. Para Jeffrey Weeks (2000, p. 40), sexualidade é “[...] na verdade, uma construção social, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas”.

Diversas categorias como orientação sexual, raça, gênero, classe, geração, religião e territorialidade se cruzam na construção das identidades e subjetividades das sujeitas, gerando um desempoderamento. Crenshaw (2002), observa esse fenômeno e adota o conceito de interseccionalidade, que permite capturar os aspectos estruturais e dinâmicos da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.

Ao longo do tempo essas categorias têm sido tratadas de forma separadas, mas na experiência social cotidiana de lésbicas elas estão sempre juntas. Olhar as lésbicas-professoras na perspectiva interseccional permite olhar para a prática pedagógica destas nas escolas minadas por preconceitos e discriminações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero essa pesquisa uma ferramenta afirmativa que visibiliza histórias e experiências lésbicas, ela nos permite pensar em torno das identidades e as diferentes formas de ser lésbicas. Espero que o trabalho colabore com a visibilidade lésbica, o enfrentamento a lesbofobia e, sobretudo, com a educação mais crítica, fundamentada na equidade onde os/as sujeitos envolvidos sejam respeitados em sua existência.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. *S. Métodos de pesquisas em ciências sociais*. Tradução: Marco Estevão, Renato Aguiar; revisão técnica: Marcia Arieira. - 4. ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.
- CRESHAW, Kimberlé. *Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo. Attas, 2002.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. T.T. da Silva e G. L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.
- WEEKS, J. O corpo e sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-82.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-19, jul./ dez., 1995.